



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA-UNICEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACE
PEDAGOGIA-FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA
AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

JAQUELINE MESQUITA DE OLIVEIRA

**A ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS
LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO**

**BRASÍLIA
2007**

JAQUELINE MESQUITA DE OLIVEIRA

**A ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS
LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia – Formação de Professores para Séries Iniciais do Ensino Fundamental, da Faculdade de Ciências da Educação – FACE, do Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, como parte das exigências para conclusão do curso de graduação.

Orientadora: Professora Maria Eleusa Montenegro.

Brasília
2007

Esta pesquisa é dedicada à Pitter Rayson de Oliveira, meu filho e amor da minha vida, para que seja um ponto de referência em suas buscas e tomadas de decisões.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que me proporcionou a vida e força para lutar por meus ideais.

À minha mãe, Hilda de Oliveira Mesquita, por ter sempre me guiado no caminho do bem e por ter sido a “pedra primeira para este alicerce”, tendo trabalhado e sonhado para que esse ideal se transformasse em realidade.

Agradeço aos meus irmãos, meus amigos e meus companheiros de jornada, pela força, confiança, amizade, companheirismo, incentivo e apoio nessa difícil, mas vitoriosa, caminhada.

Meu muito obrigado às professoras: Dalva, Clara, Suzana, Sainy e, em especial, à minha orientadora Maria Eleusa Montenegro.

O mundo moderno leva-nos continuamente a não fazer as tarefas sozinhos. É um aprendizado. Quando se trabalha junto, não acontece uma simples soma; ao contrário, a chama da sabedoria e conquista se multiplica.

Essa equipe me ajudou muito na formação e na pesquisa.

Não basta ter um bom conteúdo; é preciso comunicá-lo de maneira clara, direta e precisa.

A TODOS, MINHA ETERNA GRATIDÃO.

A atividade de leitura faz parte de todos os níveis educacionais das sociedades letradas; começa no período da alfabetização e nas séries iniciais do ensino fundamental, quando a criança passa a compreender o significado de mensagens registradas através da ESCRITA. (SILVA, 2000)

RESUMO

A atividade de leitura faz parte de todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Ela inicia-se no período de alfabetização e nas séries iniciais do ensino fundamental, quando a criança passa a compreender o significado de mensagens através da escrita. Este trabalho pretende analisar a importância da leitura no processo de alfabetização em crianças do segundo ano do ensino fundamental. Objetiva, também, contribuir com os professores alfabetizadores, no sentido de promover em sala de aula um ambiente acolhedor, com práticas agradáveis, motivadoras e prazerosas e assim, facilitadoras da aprendizagem. A pesquisa se apoiou em estudos teóricos voltados para o campo da Psicologia e Filosofia aplicadas à educação e na abordagem qualitativa. Utilizou-se como instrumento a entrevista direcionada aos professores e alunos de uma escola particular do DF. As categorias escolhidas para professores foram: O cotidiano Escolar no processo de alfabetização; A metodologia adotada no processo de desenvolvimento da leitura na alfabetização; Dificuldades e facilidades para formação de crianças leitoras; O estímulo para a criação do gosto pela leitura; O trabalho com a produção de texto; Dificuldades e facilidades encontradas ao trabalhar a produção de texto; e A relação da leitura com a produção de texto no processo da alfabetização. Para os alunos foram: O gosto pela leitura; Tipos de leituras preferidas; Histórias preferidas; Tipos de histórias lidas em sala de aula; O gosto pela escrita de histórias; Maneiras de escrever histórias; Escrita das histórias lidas ou narradas em sala; e Dificuldades ou facilidades para escrita de histórias. Ao final deste trabalho, ficou evidenciado que muitos professores articulam o desenvolvimento da leitura com a produção de texto no processo de alfabetização, mas de forma descontextualizada. Demonstram ter conhecimentos teóricos sobre o assunto, todavia desconhecem práticas favoráveis e significativas para formação de leitores conscientes e críticos para sociedade. Torna-se urgente uma ressignificação da leitura no cotidiano escolar, visando ações participativas e trocas significativas.

Palavras-chave:

Leitura. Produção de texto. Alfabetização.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	7
2	JUSTIFICATIVA.....	8
3	OBJETIVOS.....	9
3.1	OBJETIVO GERAL.....	9
3.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	9
4	FUNDAMENTAÇÃO	10
4.1	REFLETINDO SOBRE O TEMA LEITURA E REVENDO AS ORIENTAÇÕES NACIONAIS	10
4.2	A LEITURA E A PRODUÇÃO DE TEXTO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	13
4.3	O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA: FORMANDO LEITORES E BONS PRODUTORES DE TEXTO.....	16
5	METODOLOGIA.....	21
5.1	TIPO DE PESQUISA.....	21
5.2	INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	21
5.3	CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	22
5.4	ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA.....	22
5.5	CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	23
5.5.1	Especificação das categorias escolhidas.....	23
5.5.2	Organização, análise e discussão dos dados.....	24
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	REFERÊNCIAS.....	34
	APÊNDICES.....	35
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES.....	36
	APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS.....	38

1 INTRODUÇÃO

A relevância dessa investigação no cotidiano escolar e, principalmente, para a formação de professores decorre da importância que o educador deve atribuir à leitura e à produção de texto no processo de alfabetização.

A pedagoga Meire Cavalcante, em uma entrevista para Revista Escola (2006), afirmou que nas escolas onde circulam diversos tipos de textos como livros, jornais e revistas, os alunos lêem e escrevem mais rapidamente e se tornam capazes de buscar as informações de que necessitam.

A leitura é uma prática e, para ensinar, é necessário aprender com quem faz. Todavia, isto é um “problema”: Como formar leitores se não lemos bem? Como ler bem se saímos de escolas que não formam leitores?

Nessa perspectiva, essa pesquisa buscou investigar como ocorre o processo de desenvolvimento da leitura, enfocando a alfabetização nas séries iniciais. Buscou verificar, também, se há incentivos por parte dos educadores nesse processo de ensino-aprendizagem e como os educadores vêm articulando o desenvolvimento da leitura com a produção de texto, no processo de alfabetização.

Acredita-se que a leitura é um fator muito importante para o desenvolvimento da criança no ato da produção de texto. Assim sendo, esta pesquisa tem como objetivo investigar o processo de desenvolvimento da leitura e suas contribuições para o desenvolvimento da produção de texto.

Neste sentido, ao final deste trabalho, pretendeu-se responder aos seguintes questionamentos: Como os educadores vêm articulando o desenvolvimento da leitura com a produção de texto no processo de alfabetização? Qual a contribuição da leitura para a produção de texto?

A hipótese a ser testada, portanto, foi: nossas crianças não estão sabendo produzir textos e lê-los – o que aumenta suas dificuldades na alfabetização - é imprescindível o desenvolvimento da leitura.

A pesquisa é um caminho para a descoberta. E todo caminho se faz caminhando.

2 JUSTIFICATIVA

A atividade de leitura faz parte de todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Começa no período de alfabetização, nas séries iniciais do ensino fundamental quando as crianças passam a compreender o significado de mensagens registradas através da escrita (SILVA, 2000).

A principal finalidade da leitura é a de formar leitores competentes e, conseqüentemente, possibilitar aos mesmos a produção de textos eficazes. A leitura fornece aos alunos a matéria prima para a escrita, o que escrever. Por outro lado, contribui para constituição de modelos: como escrever. (MEC.BRASIL, 2001).

A compreensão crítica do ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas antecipa e alonga a inteligência do mundo. A leitura do mundo procede à leitura da palavra, onde a linguagem e a realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por uma leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2003).

Mesmo os adultos nunca dominam todos os tipos de texto e estão sempre se alfabetizando. A criança que lê porque gosta de ler, tem sua fala, escrita e imaginação bem desenvolvidas.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL.MEC, 2001), o trabalho com leitura tem como finalidade formar leitores e escritores, já que um processo advém do outro.

Muitas crianças aprendem de fato a ler, mas não apreciam o gosto pela leitura. Será nas séries iniciais que o gosto que pela leitura é desenvolvido e incentivado? Afinal, a criança que lê e, sobretudo, gosta de ler, tem sua fala, escrita e imaginação potencialmente desenvolvida?

3 OBJETIVOS DA PESQUISA

3.1 Objetivo Geral

Investigar o processo de aquisição da leitura e suas contribuições para o desenvolvimento da produção de texto na alfabetização das séries iniciais do ensino fundamental.

3.2 Objetivos Específicos

- * Analisar metodologias de ensino em relação à leitura e produção de texto.
- * Identificar tipos de leitura e tipos de leitores.
- * Relatar como se forma crianças leitoras.
- * Analisar a formação do professor com relação à leitura e à produção de texto no processo de alfabetização.
- * Identificar as fases da aquisição da leitura e suas contribuições no processo de alfabetização e produção de textos.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A construção do referencial teórico teve como finalidade enfatizar o desenvolvimento da leitura e da produção de texto no processo de alfabetização nas séries iniciais do Ensino Fundamental tendo como foco de estudo a primeira série e como base os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (BRASIL.MEC,2001) e o Guia Prático do Alfabetizador (CARVALHO, 1994).

4.1 REFLETINDO SOBRE O TEMA LEITURA E REVENDO AS ORIENTAÇÕES NACIONAIS

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, conhecimentos sobre o assunto. Qualquer leitor experiente que conseguir analisar sua própria leitura constatará que a decodificação é apenas um dos procedimentos que utiliza quando lê: a leitura fluente envolve uma série de outras estratégias como seleção, antecipação, inferência e verificação (BRASIL.MEC, 2001).

Um leitor competente é alguém que por iniciativa própria é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que possam atender a uma necessidade sua. Consegue utilizar estratégias de leitura adequadas para atender essa necessidade. Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê, que possa ler também o que não está escrito, que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato (BRASIL. MEC, 2001).

Os PCN (BRASIL. MEC, 2001) afirma que a leitura na escola tem sido um objeto de ensino. Para se construir objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder, do seu ponto de vista, os objetivos de realização imediata. Trata-se de uma prática social complexa; se

a escola pretende converter a leitura em objeto de aprendizagem deve preservar sua natureza e sua complexidade, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar com a diversidade de textos e de combinações entre eles. Significa trabalhar com a diversidade de objetivos e modalidades que caracterizam a leitura, ou seja, os diferentes “para quês”- resolver um problema prático, informar-se, divertir e estudar com as diferentes formas de leitura em função de diferentes objetivos e gêneros: ler buscando informações relevantes.

Os PCN deixam claro que se o objetivo é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes textos, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendem com isso na escola. É preciso apresentar aos alunos, textos do mundo: não se formam leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela, pode-se ensinar, mas não se formarão leitores competentes (BRASIL. MEC, 2001).

Assim, a escola deve oferecer aos alunos materiais de qualidade, modelo de leitores proficientes e práticas de leitura eficazes. Essa pode ser a única oportunidade para esses alunos interagirem com textos que não seja apenas a resolução de pequenos problemas no cotidiano, mas, sim com textos diversos. Dessa forma, o aluno aprende a ter gosto pela leitura. É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado da leitura. A principal delas é a de que ler é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão, conseqüência natural dessa ação. Por conseqüência dessa concepção a escola vem produzindo grande quantidade de leitores capazes de decodificar qualquer texto, mas com dificuldade para compreender o que estão lendo (BRASIL. MEC, 2001).

O conhecimento atual a respeito do processo de leitura indica que não se deve ensinar a ler por meio de práticas centradas na decodificação. Ao contrário, é preciso oferecer aos alunos inúmeras oportunidades de aprenderem a ler usando os procedimentos que os bons leitores utilizam. É preciso agir como se o aluno já soubesse aquilo que deve aprender. Para aprender a ler, portanto, é preciso interagir com a diversidade de textos escritos, presenciarem a utilização que os leitores fazem de fato. É preciso negociar o conhecimento que já se tem e o que é apresentado pelo

texto. Uma prática constante de leitura na escola deve admitir várias leituras. Outra concepção que deve ser superada é a do mito da interpretação, único fruto do pressuposto de que o significado está dado no texto (BRASIL.MEC, 2001).

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, para tornar os alunos bons leitores – para desenvolver, muito mais do que a capacidade de ler, o gosto e o compromisso com a leitura, formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática de leitura.

Para desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura é necessário dispor de uma boa biblioteca, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leituras, organizar momentos de leitura livre em que o professor também leia; planejar as atividades diárias garantindo que a leitura tenha a mesma importância que as demais; possibilitar aos alunos a escolha de suas leituras, fora da escola; autor, a obra ou gênero são decisões do leitor; garantir que os alunos não sejam importunados durante a leitura com perguntas sobre o que estão achando do livro. Possibilitar aos alunos o empréstimo de livro na escola e construir na escola uma prática de formação de leitores na qual todos possam contribuir (BRASIL.MEC,2001).

O trabalho com a leitura deve ser diário, de forma silenciosa, individualmente, em voz alta. A leitura colaborativa é uma atividade em que o professor lê um texto com a classe e, durante a leitura, questiona os alunos sobre as pistas lingüísticas. (BRASIL.MEC, 2001).

Atividades permanentes de leitura são situações didáticas propostas com regularidade e voltadas para a formação favorável à leitura. Um exemplo é a hora de histórias, curiosidades científicas etc. Os alunos escolhem o que desejam ler, levando o material para casa por um tempo e se revezam para fazer a leitura em voz alta na classe. A leitura em voz alta feita pelo professor não é muito comum na escola. Uma prática intensa de leitura na escola é, sobretudo, necessária, porque ler ensina a ler e a escrever. (BRASIL. MEC, 2001).

A leitura, como prática social, é sempre um meio, nunca um fim. Ler é resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Fora da escola, não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas (BRASIL.MEC, 2001).

Outra atividade referente à leitura seria também a realizada pelo professor. É o caso da leitura compartilhada de livros em capítulos que possibilita aos alunos o acesso a textos bastante longos (e às vezes difíceis). (BRASIL. MEC, 2001).

4.2 A LEITURA E A PRODUÇÃO DE TEXTO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A leitura é um bem comum, desenvolvida de maneira a contemplar o cotidiano, ou seja, ser realizada por meio de leituras desenvolvidas em sala de aula (BRASIL. MEC, 2001).

As crianças gostam de ler! Mas desde que exista o livro, o espaço para ler, o grupo de amigos e momentos da vida para a prática da leitura.

Ezequiel Theodoro Silva (2000, p. 46), especialista em educação, afirma que a leitura é:

[...] um importante instrumento para a libertação do povo brasileiro para o processo de reconstrução de nossa sociedade. Tal convicção resulta de percepções acerca da evolução histórica da sociedade brasileira que desemboca, em momentos de profundos impasses, claras denúncias e grandes lutas por uma nova ordem social.

O ato de ler é, fundamentalmente, um ato de conhecimento. E conhecer significa perceber mais contundentemente as forças e as relações existentes no mundo da natureza e o mundo dos homens, explicando-as. A escrita tem sido utilizada como um instrumento de domínio de uma classe social sobre outras. Por isso mesmo, a manutenção de uma grande massa de iletrados ou semi-letrados tem uma razão de ser. Interessa à classe dominante que ao lado de uma indústria da "Fome de alimento" também exista uma indústria de "Fome de Ler". (SILVA, 2000).

Ainda, segundo Silva (2000), a leitura mais produtiva é aquela capaz de gerar organização das experiências do leitor ao nível individual e ao nível coletivo, aquela capaz de gerar o máximo de conflito entre as interpretações. Isto tudo, porque esse tipo de leitura, além de permitir a liberdade de interpretação e expressão, faz com que os leitores se enriqueçam mutuamente através de elucidações e justificativas constantes, conseguidas através da discussão e do debate.

Silva (2000) afirma que a grande massa da população não tem acesso ao mundo da escrita e muito menos à literatura. Aquilo que deveria ser um direito de todos se coloca como um privilégio de poucos. A ação dos professores não pode desprezar esse dado, pois é ele que estabelece o teor político do trabalho do professor. Ler criticamente a realidade através dos autores que a leram criticamente. E mais: transformar essa realidade a partir daquilo que foi conhecido e construído no prazer da leitura – é isso que abaliza a importância do ato de ler no contexto brasileiro.

Se a leitura está tão apertadamente amarrada à educação dos indivíduos, então porque existe tanta aversão à leitura nos dias de hoje? Se a leitura serve a propósitos de formação e de informação, então porque esse distanciamento tão potente entre pessoas e os livros? Porque existe uma crise da leitura na escola e na sociedade como um todo?

Se o ato de ler for executado dentro dos moldes críticos, pode ser perigoso. Por isso mesmo, quanto menor o número de leitores neste país, quanto maior o número de analfabetos, quanto mais o ensino real da leitura for distorcido no âmbito da escola e da sociedade tanto melhor para reprodução das estruturas sociais injustas existentes no país. (SILVA, 2000).

Para o autor, existem centenas de formas de conceber o ato de ler, porém, sem alguns pressupostos sobre a natureza social da leitura, essas formas transformam-se em chavões sem significados, em frases bonitas, totalmente desvinculadas de uma prática concreta. (SILVA, 2000).

O processo de alfabetização tem no alfabetizando o seu sujeito. O fato que o aluno necessita de ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa que com ajuda do educador o aluno não tenha criatividade e a construção de sua linguagem escrita e na leitura dessa linguagem. (FREIRE, 2003).

Segundo Freire (2003), alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Essa montagem não deve ser feita pelo educador para com o alfabetizando. O principal fato da importância de ler, principalmente das crianças que estão sendo alfabetizados, é que elas têm sua imaginação e criatividade desde cedo desenvolvidas e isso será levado até à idade adulta.

O autor ainda afirma que a leitura crítica da realidade, dando-se no processo de alfabetização não é associada, sobretudo a certas práticas. Todos lêem o que realmente

é realidade e a criança o que interessa a ela, para isso o professor deve auxiliá-la e motivá-la com leitura em sala de aula ou em casa mesmo. Nesse sentido professor e os pais auxiliam os alunos com a leitura que interessam as crianças, deixando-a escolher o que mais gostam de ler (FREIRE, 2003).

A atividade de leitura se faz presente em todos os níveis educacionais da sociedade letrada: tal presença, sem dúvida marcante e abrangente, começa no período de alfabetização, quando a criança passa a compreender o significado potencial de mensagem registrada através a escrita. (SILVA, 2000).

A leitura, como instrumento de acesso à cultura e de aquisição de experiências, é muito bem destacada por Silva (2000), quando diz que: “ao trabalhar, como membro que é uma equipe de uma escola, o professor está interessado em que seus alunos adquiram experiências [...]”.

Segundo Silva (2000), todo professor, ao adotar um livro ou produzir ou selecionar seus textos, transforma-se, necessariamente, num co-responsável pelo ensino e encaminhamento da leitura. Em outras palavras, a leitura é uma exigência que está presente nas disciplinas acadêmicas oferecidas pela escola e, por isso mesmo, os respectivos professores são implícitas ou explicitamente, orientadores de leitura.

A responsabilidade pela orientação da leitura e pela formação do aluno leitor é deixada somente aos alfabetizadores e aos professores de Comunicação e Expressão. Assim, se os alunos não aprendem a ler e se existe uma crise da leitura na escola, a culpa não é do corpo docente como um todo, mas somente do professor de Português. Não resta dúvida que o analfabetismo é uma sólida barreira para o desenvolvimento da leitura no contexto brasileiro. Todos devem conhecer o “vendaval” de cifras estatísticas, que quase sempre confundem e não deixam ver os contornos dessa vergonha nacional. Entretanto, é nesta contradição que emerge a importância da alfabetização como condição necessária à formação do leitor crítico, sem a possibilidade de compreender o material impresso, impossível ao indivíduo de situar-se dentro dos horizontes veiculados por meio da escrita. (SILVA, 2000).

A leitura crítica sempre leva à produção ou à construção de outro texto: o texto do próprio leitor. A leitura crítica sempre gera expressão: o desenvolvimento do ser leitor.

Se ler é compreender com os olhos, aquela criança que decorou a cartilha conseguiu acumular um capital de palavras que identifica visualmente. Se ela encontra dificuldades em compartilhar o texto, pode ser por que, em geral, os textos apresentados pelas cartilhas não têm sentido algum. (BARBOSA, 1990).

As metodologias usadas pouco exploram a capacidade demonstrada pelo auto-alfabetizado de extrair significados dos estímulos disponíveis. A aprendizagem é vista não como processo ativo, mas receptivo. Se se observar crianças no início do aprendizado, pode-se verificar que elas fazem uso regular de estratégias e interferências e muitas já demonstram uma boa consciência metalingüísticas. (KATO, 1995).

Quanto à educação, crianças sem condições e em comunidades etnicamente minoritárias, podem-se pensar em duas alternativas: a primeira, que seria o modelo de educação na língua materna antes da idade escolar, e a segunda que colocaria por mais tempo na pré-escola, período em que ela adquiria a segunda língua por imersão, após o qual ela seria alfabetizada, em igualdade de condições com as outras crianças. Seria, enfim, função da pré-escola preparar a criança tanto rica, como pobre para a alfabetização, afirma Kato. (1995).

Para um leitor iniciante, porém, cujo vocabulário visual ainda é limitado, o processo de leitura envolve muito pouco reconhecimento visual instantâneo, consistindo, a leitura, mais freqüentemente, em operações de análise e síntese sendo a apreensão do significado mediado quase sempre pela decodificação em palavras auditivamente familiares.

Poucos brasileiros entendem o que lêem. A leitura vai além da ação de repetir palavras prontas. Quem lê cria tanto ou mais que o autor. A leitura é problematizadora. O ato de ler deve criar no leitor o prazer, induzindo-o a uma reflexão, conduzindo-o ao pensamento, à imaginação e a criar hipóteses. (KATO, 1995).

4.3 O DESENVOLVIMENTO DA LEITURA: FORMANDO LEITORES E BONS PRODUTORES DE TEXTO.

Quando o objetivo do professor for o de facilitar o desenvolvimento do gosto pela leitura, parece ser mais conveniente construir um acervo de obras dentro de uma atmosfera não autoritária, dar a chance para que os alunos leiam aqueles livros com que melhor se identifiquem (SILVA, 2000).

Segundo Silva (2000), a leitura, quando efetuada dentro de moldes críticos, sempre leva à produção ou construção de outro texto: o texto do próprio leitor. Em outras palavras, a leitura crítica sempre é geradora de expressão: o desenvolvimento do próprio "ser leitor", levando-o a participar do destino da sociedade a qual ele pertence. Assim, esse tipo de leitura é muito mais que um simples processo de apropriação e reprodução de significados. Essa leitura deve ser caracterizada como um projeto, pois se concretiza, numa proposta pensada e executada pelo ser no mundo, dirigida.

O gosto pela leitura que, sem dúvida, resulta de práticas, também é produzido socialmente e, por isso mesmo, também se sujeita às regras encontradas no conjunto das estruturas sociais. Existem centenas de formas de conceber o ato de ler, porém, sem alguns pressupostos sobre a natureza social da leitura. Essas formas transformam-se em chavões sem significados, em frases bonitas, totalmente desvinculadas de uma prática concreta, afirma Silva (2000).

Dois tipos básicos de processamento de informação referem-se à área de leitura, que se chamam descendente e ascendente, que são, de acordo com Kato (1995, p. 50):

O processamento descendente é uma abordagem não linear, que faz uso intensivo e dedutivo de informações não visuais. (...) o processamento ascendente faz uso linear e indutivo das informações visuais, lingüísticas, e sua abordagem é composicional, isto é, constrói um significado através da análise e síntese do significado das partes.

Kato (1995) explica que o leitor idealizado pelo modelo ascendente é aquele que analisa cuidadosamente o texto no visual e que sintetiza o significado das partes menores para obter o significado ao todo. O leitor idealizado pelo modelo descendente é aquele que se apóia principalmente em seus conhecimentos prévios e sua capacidade inferencial para fazer predições sobre o que o texto dirá, utilizando os dados visuais apenas para reduzir incertezas.

É fundamental que a escola forneça condições para que o aluno-leitor vá adquirindo estratégias de processamento da informação adequadas às condições de

produção de leitura. Ainda é muito comum no ensino fundamental a postura do professor que considera uma “boa leitura”, aquela que o aluno lê corretamente todas as palavras, obedecendo à correspondência entre grafia e som. (BRITO, 2003).

Formar o leitor é algo sutil, democrático, a exigir, como já foi expresso, a única pedagogia possível: a do afeto e da liberdade. (DINORAH, 1995).

Segundo Dinorah (1995), estas estatísticas intencionais, formam o leitor mais ou menos até aos 14 anos de idade, num processo que deveria ter raízes no lar, onde a criança, desde os primeiros meses, tivesse chance de conviver com a magia das histórias, lendas e poesias, narradas pelos pais, e com livros adequados a essa fase. Afirma, ainda que, no período mais importante de se formar o gosto pela leitura, as crianças estão na escola nos primeiros anos iniciais. Está, pois, nesta escola de primeiro grau, o maior compromisso com a formação do leitor.

É lendo que se aprende a ler, escrever e interpretar. É através da leitura que a criança vai desenvolver o plano das idéias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem, afirma Dinorah (1995). O grande problema da sociedade - e aí estão professores para confirmar - é o baixo nível de português dos jovens. Entram na universidade (quando chegam lá), sem condições de expor uma idéia ou interpretar um texto mais complexo. E a causa disso é exatamente a falta de leitura.

A criança precisa de algo que entenda, com que se identifique e entusiasme, tudo de forma harmônica, acessível e translúcida .

Produzir bons leitores é um desafio para a escola e toda parte do mundo. Professores se queixam que a maioria dos alunos lê mal e não sabe usar os livros para estudar e, claro, o objetivo essencial da leitura é a compreensão do sentido global do texto que se lê e a leitura é uma atividade complexa, e muita pesquisa tem sido feita para descobrir seus mistérios. (CARVALHO, 1994).

O leitor não deve ter apenas expectativa sobre o que o autor vai comunicar, mas deve, principalmente, ter uma razão para fazer a leitura; dependendo daquilo que se busca, a leitura é e deve ser feita de modo diferente. Quando se quer estudar, aprender através do texto, naturalmente a leitura é mais elaborada, mais vagarosa: é preciso destacar os argumentos principais, verificar as conclusões, fazer a lição entre o que já se conhece e as idéias expostas pelo autor. (CARVALHO, 1994).

Segundo Carvalho (1994), o bom leitor não se faz por acaso. Quase sempre é formado na infância, antes mesmo de saber ler, através do contato com a leitura infantil e de experiências positivas no início da alfabetização. Aprender a ler como se a leitura fosse um ato mecânico, separado da compreensão, é um desastre que acontece todos os dias. Quando o ensino das primeiras letras é muito desassociado do uso da leitura na vida social, muitas vezes o aluno conclui que se aprende a ler e escrever para passar de ano e para copiar os exercícios dados pela professora. No entanto, se alfabetização for apenas um futuro distante, é provado que o indivíduo se sinte mais motivado para o esforço que a aprendizagem exige.

A autora diz, ainda, que algumas crianças mais jovens, em processo de alfabetização, confundem letras e números, utilizando algarismos, na escrita de palavras, como se fossem letras. Assim sendo, é bom apresentar aos alunos diversos tipos de matérias de leitura, pedindo-lhes que identifiquem o que é a letra e o que é o número. Se o processo de descoberta for incentivado, alguns chegarão a identificar palavras iguais e reconhecer as letras repetidas.

Para despertar interesse pela leitura, muita coisa pode ser feita: o mais cedo possível, ler histórias e oferecer livros para folhear. Na vida cotidiana, chamar a criança para participar de ocasiões em que se usa a língua escrita. (CARVALHO, 1994).

É lendo que se torna leitor e não necessariamente aprendendo a ler de imediato para apreciar o gosto pela leitura: não é legítimo instaurar uma defasagem, nem no tempo nem na natureza da atividade, entre aprender a ler e ler. Não se ensina a criança a ler: é ela quem se ensina a ler com a ajuda dos professores e de seus colegas e dos diversos instrumentos utilizados durante a aula, mas também dos pais e todos os leitores encontrados. Cada criança possui seus próprios processos, suas etapas, seus obstáculos a vencer (JOLIBERT, 1994).

A vida cooperativa da sala de aula, da escola, e a prioridade conferida à prática, à elaboração e à condução de projetos definidos, juntos, permitem, de uma maneira exemplar, que a criança viva seus processos autônomos e aprendizado. Também, que ela se insira em grupo e num meio considerado como estrutura que estimula, que exige, que valoriza, que provoca contradições e conflitos e que cria responsabilidade. A vida cotidiana está cheia de oportunidades de leitura e esse problema está mais em encontrar tempo para tudo do que encontrar textos. As crianças principalmente passam

a maior parte do tempo em atividades extra classes como natação, judô, ginástica, informática, entre outras. Como essa criança com tantas atividades vai se interessar em pegar um livro para ler, se já chega a casa cansada de tanta atividade durante o dia? (JOLIBERT, 1994).

Segundo Jolibert (1994), ajudar a criança ou as crianças, conforme forem os casos, a escolherem um modo de leitura mais pertinente, de acordo com o texto e o que ela procura, e a formular leitura integral para um campo, por exemplo, ou leitura parcial e seletiva para uma procura de informações num catálogo de brinquedos ou num programa de televisão.

O professor deve em primeiro lugar apoiar a criança na escolha de um livro. A classificação não é, nesse caso, a meta fundamental. As crianças são postas frente aos livros amontoados e devem classificá-los da maneira que quiserem, por tema, coleção, cor, formato etc.

Não é por acaso que o processo de aprendizado é um dos pontos de cristalização dessas preocupações; os pais sabem muito bem que o domínio da leitura e escrita é um dos fatores determinantes do sucesso ou do fracasso escolar. Na escola não basta fazer com que as crianças leiam e produzam textos. Para o autor, o papel específico da escola é ensinar a ler e produzir textos eficazes, isto é, fazer experimentar e explicitar os indícios e as estratégias utilizadas, de maneira que cada criança torne-se capaz de gerir sozinha sua tarefa de leitura ou de produção de um escrito.

(JOLIBERT,1994).

5 METODOLOGIA

5.1 TIPO DE PESQUISA

Esta pesquisa pautou - se na abordagem qualitativa, como base metodológica.

A pesquisa qualitativa não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado. Os pontos de vista subjetivo dessa pesquisa são os primeiro pontos de partida. Essa abordagem estuda a elaboração e o curso das interações, em seguida busca reconstruir as estrutura do campo social e o significado latente das práticas (FLICK, 2004).

Segundo Flick (2004, p.22) os aspectos da pesquisa qualitativa são:

- apropriabilidade de método e teorias
- perspectivas das participantes e sua diversidade
- reflexibilidade do pesquisador e da pesquisa
- variedades de abordagem e métodos na pesquisa qualitativa.

Para tal pesquisa, adota-se o papel do observador participante para que sejam comparadas a vivências dos indivíduos observados. Nesse sentido deve-se planejar o que vai ser observado, para que a pesquisa tenha seu teor de validade, ou seja, deve-se delimitar o seu objeto de estudo, o foco, o local para realização da pesquisa; esses aspectos são consideráveis, pois dará qualidade aos dados obtidos, sem excesso de informações. (FLICK,2004)

A pesquisa qualitativa trata-se de uma situação real e rica em dados descritivos, além da realidade de maneira complexa, visando desenvolver uma subjetividade que se oculta nesse universo. (FLICK,2004).

5.2 INSTRUMENTO DA PESQUISA

Foi utilizada neste trabalho, como instrumento da pesquisa a entrevista semi-estruturada ou do tipo semi-padronizado (APÊNDICES A e B).

Nesse tipo de entrevista, os conteúdos da teoria subjetiva são reconstruídos. O guia da entrevista menciona diversas áreas de tópicos, cada uma delas introduzidas por uma questão aberta e concluída por uma questão confrontativa (FLICK, 2004).

A entrevista semi-estruturada ou semi-padronizada, foi composta por sete questões respondidas pelos professores que atuam na série iniciais do 2º ano do ensino fundamental.

A entrevista semi-estruturada ou semi-padronizada foi composta por oito questões respondidas pelos alunos do 2º ano das séries iniciais do ensino fundamental.

Na entrevista constaram também outros dados como série do docente, data da realização da entrevista, o número de alunos presentes, sexo, idade, formação docente e anos de atuação na docência.

5.3 CENÁRIO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em uma escola de séries iniciais do ensino fundamental, da rede privada, em São Sebastião, Distrito Federal.

Os participantes foram dois professores que atuam na primeira série do ensino fundamental e alunos que estudam nesta.

5.4 ESPECIFICAÇÃO DAS FASES DA PESQUISA

A pesquisa ocorreu no período de fevereiro de 2006 a dezembro de 2007, sendo composta de oito fases.

A primeira fase foi constituída da busca bibliográfica, originando o tema proposto, os seus objetivos e início da elaboração do referencial teórico, no período de fevereiro de 2006 a agosto de 2007.

Na segunda fase aconteceu a realização do projeto de pesquisa, no período de fevereiro a março de 2006.

A terceira fase da pesquisa constituiu no aprimoramento do referencial teórico e ocorreu nos meses de setembro e outubro de 2007.

A quarta fase constituiu-se na elaboração do instrumento e ocorreu no mês de setembro de 2007.

A quinta fase da pesquisa constituiu-se na aplicação do instrumento que ocorreu no mês de outubro de 2007.

A sexta fase da pesquisa constituiu com na organização, análise e discussão dos dados que ocorreu no mês de outubro de 2007.

A sétima fase da pesquisa constituiu na elaboração do relatório final, que ocorreu no mês novembro de 2007.

A oitava fase da pesquisa constituiu-se na entrega e apresentação oral da monografia que ocorreu no mês de novembro de 2007.

5.5 CATEGORIAS, ORGANIZAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

5.5.1 Especificação das Categorias Escolhidas

As categorias escolhidas para a organização, análise e discussão dos dados foram:

5.5.1.1 PROFESSORES

- O cotidiano Escolar no processo de alfabetização;
- A metodologia adotada no processo de desenvolvimento da leitura na alfabetização;
- Dificuldades e facilidades para a formação de crianças leitoras;
- O estímulo para a criação do gosto pela leitura;
- O trabalho com a produção de texto;
- Dificuldades e facilidades encontradas ao trabalhar a produção de texto;

- A relação da leitura com a produção de texto no processo da alfabetização.

5.5.1.2 ALUNOS

- O gosto pela leitura;
- Tipos de leituras preferidas;
- Histórias preferidas;
- Tipos de histórias lidas em sala de aula;
- O gosto pela escrita de histórias;
- Maneiras de escrever histórias;
- Escrita das histórias lidas ou narradas em sala;
- Dificuldades ou facilidades para escrita de histórias.

5.5.2 Organização, análise e discussão dos dados

Os dados foram organizados, analisados e discutidos nas categorias propostas, conforme descrição a seguir:

5.5.2.1 Professores

- O cotidiano escolar no processo de alfabetização

Professor 1 - "O cotidiano é o processo pelo qual as crianças começam a formação sistematizada e conceitual dos sinais gráficos que trazem consigo; é nesse processo que se começa o desenvolvimento cognitivo. O cotidiano e a interação da criança com o mundo da linguagem escrita e oral, com atividades que venham mediar este processo".

Professor 2 - "O cotidiano é rotineiro e, dentro dessa rotina, eu trabalho valores éticos, e outros assuntos que estão relacionados à realidade do aluno".

Professor 3 - "O cotidiano é estimulante, contínuo e contextualizado com o processo escolar".

- A metodologia adotada no processo de desenvolvimento da leitura na alfabetização

Professor 1 - “A metodologia que se usa para alcançar este objetivo, que é o processo de desenvolvimento da leitura, é uma metodologia muito rica em seus aspectos de teorias e teóricos. A exemplo destes, tem muitos pensadores e idealizadores como Emília Ferreiro, Jean Piaget e outros. Todavia, são poucos os profissionais que tomam como ‘norte’ essas metodologias apesar dos livros didáticos trazerem impressos nas suas páginas, atividades desenvolvidas dentro de tais concepções teóricas”.

Professor 2 - “A metodologia é um meio para melhorar e adaptar o hábito de ler”.

Professor 3 - “A metodologia adotada é coerente, pois a introdução de textos diferenciados leva a criança a buscar e ampliar seus conhecimentos”.

- Dificuldades e facilidades para formação de crianças leitoras

Professor 1- “A falta de apoio por parte dos pais, dificulta; já o interesse das crianças, facilita”.

Professor 2 - “A falta de apoio por parte da família tem dificultado nesse processo e a facilidade é lidar com a abertura das crianças”.

Professor 3 - “A dificuldade é a falta de apoio em geral e a facilidade é que nessa fase a criança está aberta ao novo e isso desperta o seu interesse e facilita essa articulação”.

- O estímulo para a criação do gosto pela leitura

Professor 1 - “O gosto pela leitura é adquirido com o hábito diário com a literatura. Levar a criança a vivenciar e viajar no mundo imaginário do autor, trazendo a leitura para sua realidade em forma de teatro, dramatizações. Dessa forma, estaremos formando crianças leitoras por prazer e com certeza futuros escritores”.

Professor 2 - “Apresento vários títulos de livros e as crianças vão lendo e passando o que leram para as pessoas que estão no seu meio”.

Professor 3 - “Uso historinhas, leituras coletivas, textos virados e rodas de leitura”.

- O trabalho com a produção de texto

Professor 2 - “Primeiro falo do objetivo, apresento o tema, faço um questionário oral e depois sugiro que os alunos passem seu texto para o papel”.

Professor 3 - “Uso gravuras e peço que as crianças escrevam sobre as mesmas, é uma técnica para despertar a criatividade oral e escrita”.

Professor 1 - “Através de figuras selecionadas por mim, peço para os alunos contarem a seqüência dos fatos; outro meio, é ouvindo uma história e reproduzindo como eles entenderam. É feito também a produção coletiva, onde o aluno dá forma e seqüência, ao título estipulado ou gravura”.

- Dificuldades e facilidades encontradas ao trabalhar a produção de texto

Professor 1 - “A superlotação em salas dificulta o trabalho. A facilidade é o empenho das crianças”.

Professor 2 - “A dificuldade é realizar um atendimento pessoal devido ao numero de alunos; o que facilita é ver o empenho e esforço das crianças”.

Professor 3 - “Uma das maiores dificuldades é articular o atendimento e atenção necessária aos alunos no ato da produção, devido ao número alto de alunos em sala. O que facilita é o interesse das crianças, participando da aula de acordo com o que é proposto”.

- A relação da leitura com a produção de texto no processo da alfabetização

Professor 1 - “A produção de texto é um fator fundamental nesse processo, já que a criança está sendo inserida neste contexto de formação e desenvolvimento cognitivo. Ela será induzida de certa forma a usar a linguagem escrita para desenvolver suas potencialidades”.

Professor 2 - “A produção de texto tem toda uma relação com a leitura. Através da leitura as crianças observam como é o parágrafo, como se dá nome ao tema, pontuações e ortografia das palavras”.

Professor 3 - “Um complementa o outro”.

Analisando-se os dados, verificou-se deficiências e dificuldades em formar um leitor, desenvolver a leitura e utilizá-la para produção de texto, diante dos métodos adotados e posturas dos professores.

É lendo que se tornam leitores e não necessariamente aprendendo a ler de imediato que irá desenvolver o gosto pela leitura. Não se podem buscar justificativas para uma defasagem, no tempo ou na natureza da atividade, quando a questão é ler e aprender a ler. Não se ensina a criança a ler: é ela quem se ensina a ler com a ajuda dos professores, de seus colegas e dos diversos instrumentos utilizados na aula. Cada criança possui seus próprios processos, suas etapas e seus obstáculos a vencer.

Segundo Carvalho (1994), o bom leitor não se faz por acaso. Quase sempre é formado na infância, antes mesmo de saber ler, através do contato com a leitura infantil e de experiências positivas no início da alfabetização.

Para o desenvolvimento da prática e do gosto pela leitura é necessário dispor de uma boa biblioteca, de um acervo de classe com livros e outros materiais de leituras; organizar momentos de leituras livres em que o professor também leia. Planejar as atividades diárias garantindo que a leitura tenha a mesma importância que as demais, possibilitando aos alunos a escolha de suas leituras, fora da escola. O autor, a obra ou gênero são decisões do leitor; garantir que os alunos não sejam importunados durante a leitura com perguntas sobre o que estão achando do livro.

Percebeu-se que há ausência de decisões significativas sobre as práticas dos profissionais em educação. Desconhecem práticas que geram a construção do conhecimento no processo de alfabetização e formação de leitores. Esse desconhecimento também é refletido nas respostas dos professores, sobre o trabalho de produção de texto com os alunos. Ambas utilizam técnicas rotineiras e descontextualizadas com a realidade, conforme se pode perceber nas explicações dos professores em questão.

A atividade de leitura faz parte de todos os níveis educacionais das sociedades letradas. Começa no período de alfabetização, nas séries iniciais do ensino fundamental, quando a criança passa a compreender o significado de mensagens registradas através da escrita.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, (BRASIL. MEC, /2001) abordam como principal finalidade da leitura formar leitores competentes e, conseqüentemente, possibilitar aos mesmos a produção de textos eficazes.

Segundo o educador Paulo Freire (2003, p.14); “o processo de alfabetização tem no alfabetizando o seu sujeito”.

O fato de que o aluno necessita de ajuda do educador, como ocorre em qualquer relação pedagógica, não significa que, com a ajuda do educador, o aluno não tenha criatividade na construção de sua linguagem escrita e na leitura dessa linguagem.

Segundo Freire (2003), alfabetização é a montagem da expressão escrita e da expressão oral, mas essa montagem não deve ser feita pelo educador no lugar do alfabetizando.

Para a Kato (1995 p.41), “as metodologias usadas pouco exploram a capacidade demonstrada pelo auto-alfabetizado de extrair significado dos estímulos disponíveis”. A aprendizagem é vista não como um processo ativo, mas receptivo. Se se observar crianças no início do aprendizado pode-se verificar que elas fazem uso regular de estratégias, tem dentro de se uma bagagem riquíssima e muitas já demonstram uma boa consciência metalingüísticas.

Segundo Carvalho (1994), algumas crianças mais jovens, em processo de alfabetização, confundem letras e números, utilizando algarismos na escrita de palavras, como se fossem letras. Assim sendo, é bom apresentar aos alunos diversos tipos de materiais de leitura, pedindo-lhes que identifiquem o que é letra e o que é número. Se o processo de descoberta for incentivado, alguns chegarão a identificar palavras iguais e reconhecer as letras repetidas. Para despertar o interesse pela leitura, muita coisa poderá ser feito, como, mais cedo possível, ler história e oferecer livros para a criança folhear e na vida cotidiana, chamar a criança para participar de ocasiões em que se usa a língua escrita.

5.5.2.2 Alunos

- O gosto pela leitura

Aluno 1- "Sim, eu gosto muito".

Aluno 2- "Sim, eu gosto".

Aluno 3- “Eu gosto”.

Aluno 4- “Sim”.

Aluno 5- “Eu gosto”.

Aluno 6- “Eu gosto de ler”.

- Tipos de leitura preferida

Aluno 1 - “Livros de histórias (clássicas)”.

Aluno 2 - “Livros de histórias infantis”.

Aluno 3 - “Gibis”.

Aluno 4 - “Histórias infantis”.

Aluno 5 - “Histórias em quadrinhos”.

Aluno 6 - “Histórias de terror”.

- História preferida

Aluno 1 - “Garotas”.

Aluno 2 - “Luis Lua e Dinossauro”.

Aluno 3 - “Turma da Mônica”.

Aluno 4 - “Chapeuzinho Vermelho e Branca de Neve”.

Aluno 5 - “O meio ambiente”.

Aluno 6 - “O casarão da esquina”.

- Tipos de histórias lidas em sala de aula

Aluno 1 - “Minha professora não lê histórias com a gente”.

Aluno 2 - “Ela lê lendas, contos e histórias clássicas”.

Aluno 3 - “Só os textos do livro”.

Aluno 4 - “Os textos do livro de Português”.

Aluno 5 - “Os textos do livro e, de vez em quando, alguma reportagem”.

Aluno 6 - “Lê textos e algumas historinhas”.

- O gosto pela escrita de histórias

Aluno 1 - "Eu gosto de escrever".

Aluno 2 - "Eu já escrevi uma da bruxinha; eu gosto".

Aluno 3 - "Eu gosto de escrever".

Aluno 4 - "Sim eu gosto".

Aluno 5 - "Mais ou menos".

Aluno 6 - "Às vezes".

- Maneiras de escrever histórias

Aluno 1 - "Ilustrando as frases".

Aluno 2 - "Com desenhos e letra bonita".

Aluno 3 - "Mostrando com desenhos".

Aluno 4 - "Desenhando e pintando".

Aluno 5 - "De qualquer jeito".

Aluno 6 - "Ao ar livre, mas gosto de escrever pouco".

- Escrita das histórias lidas ou narradas em sala

Aluno 1 - "Não tem histórias na sala".

Aluno 2 - "Escrevo só com desenhos".

Aluno 3 - "Não, só faz no livro".

Aluno 4 - "Não conta história".

Aluno 5 - "Não, o professor não lê histórias".

Aluno 6 - "Às vezes, se for interessante".

- Dificuldades ou facilidades para escrita de histórias

Aluno 1 - "Dificuldade, porque eu confundo as letras".

Aluno 2 - "Mais dificuldade, porque eu não sei escrever tudo; é mais fácil ler e desenhar".

Aluno 3 - "Depende, se for com desenho é fácil, mas com letras é difícil".

Aluno 4 - “Às vezes eu não gosto de falar o que a tia quer, e acho difícil”.

Aluno 5 - “É difícil”.

Aluno 6 - “Se for pouco é fácil, mas é difícil escrever muito”.

Analisando os dados dos alunos, do 2ª ano do ensino fundamental, percebeu-se a unanimidade em afirmarem que gostam de ler e que suas preferências são as histórias infantis e gibis, dando ênfase aos contos clássicos. Segundo eles, são historinhas “legais”, emocionantes, bonitas e interessantes.

É importante salientar que a criança precisa de algo que entenda, com que se identifique e entusiasme, tudo de forma harmônica, acessível e translúcida.

Segundo Carvalho (1994), o bom leitor não se faz por acaso. Quase sempre é formado na infância, antes mesmo de saber ler, através do contado com a leitura infantil e das experiências positivas no início da alfabetização.

Percebeu-se que as crianças sabem e gostam de ler, desde que exista o livro, o espaço para ler, o grupo de amigos e momentos de vida para a prática de leitura. Todavia, não são estimuladas a essa prática.

Silva (1986 p.42), especialista em educação, afirma que a grande massa da população não tem acesso ao mundo da escrita e muito menos à literatura. Aquilo que deveria ser direito de todos se coloca como um privilégio de poucos. A ação dos professores não pode desprezar esse dado. Porquanto este é o teor político desse trabalho, ler criticamente a realidade a partir daquilo que foi conhecido e construído no prazer da leitura. É isso que abaliza a importância do ato de ler, no contexto brasileiro.

Nos estágios iniciais da leitura, o professor serve de mediador entre o aluno e o texto. Nessa mediação, ele fornece modelos para a atividade global, como pode, dependendo dos objetivos da aula, fornecendo modelos de estratégias específicas de leitura, fazendo perguntas, comentários, criando hipóteses. Desse modo, rompe-se a noção de leitura como mera decodificação ou de uma série de identificações automáticas das palavras que em nada modificam a visão de mundo do aluno.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A principal finalidade da leitura é formar leitores competentes e, conseqüentemente, possibilitar aos mesmos a produção de textos eficazes.

A pesquisa foi muito enriquecedora para a formação desta aluna pesquisadora, pois se pode analisar de perto sobre o processo da leitura, vendo como ela ocorre em sala de aula.

Conclui-se que muitos professores articulam o desenvolvimento da leitura com a produção de texto de forma descontextualizada, o que dificulta o interesse e desenvolvimento da aprendizagem dos alunos.

Para formação de leitores conscientes, durante o processo de alfabetização, propõe-se que os professores revejam suas práticas, uma vez que as mesmas devem ser favoráveis e significativas.

A escola pesquisada dispõe de recursos materiais coerentes para realização de um trabalho contextualizado com a realidade de forma significativa. No entanto, esses materiais não são utilizados de forma adequada; utilizam-nos somente porque dispõem dos mesmos e, atribuem o fracasso dos alunos à falta de tempo. Os professores, no geral, não traçam metas e objetivos para o desenvolvimento da leitura e produção de texto, atribuindo às mesmas, uma única significação.

Torna-se urgente uma ressignificação da leitura no cotidiano escolar, tanto no que se refere ao trabalho do professor quanto à ação dos alunos, visando ações participativas importantes.

Percebeu-se que essas trocas não ocorrem, fazendo com que haja um relacionamento vago entre professor aluno.

Sugere-se aos professores o que se segue: não ficar restrito aos livros didáticos; articular o ensino à aprendizagem de forma adequada; fazer uso dos materiais de forma objetiva; montar projetos de leitura para estimular na criança o hábito de leitura; planejar bem as aulas, selecionando momentos livres, onde o ambiente seja favorável para despertar na criança à criatividade e o gosto pela leitura e escrita; levar

para sala de aula vários tipos de textos (jornais, revistas, encartes, rótulos); e, antes de tudo, valorizar a realidade e a bagagem que a criança tem dentro de si.

Uma das dificuldades encontradas durante a pesquisa foi conciliar o tempo disponível pelos professores ao desta acadêmica. A escola não é aberta para passar informações. Não houve o apoio de alguns professores, que demonstraram não interessar muito pelo assunto.

Conclui-se que o aluno que lê mal, escreve mal. É preciso investir na leitura, na busca de aperfeiçoamentos. O professor deve ser um bom leitor para estimular na criança o hábito de leitura.

Pretende-se, para dar continuidade a pesquisa, aprofundar os conhecimentos adquiridos e realizar estudos sobre o tema, com o desenvolvimento de projetos de leitura, na instituição pesquisada e em outras que se julgar necessário. Por último, pretende-se publicar o trabalho em eventos revistas científicas.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo, SP: Cortez, 1970.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Língua Portuguesa. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CARVALHO, Marlene. **Guia Prático do Alfabetizado**. São Paulo, SP: Ática, 1994.

CHARTIER, Roger, **Práticas da Leitura**. São Paulo: Ed. Liberdade, 2001.

DINORAH, Maria. **O Livro Infantil e a Formação do Leitor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

FLIK, Uwe. **Uma Introdução à Pesquisa qualitativa**. Trad. Sandra Netz. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 44 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

JOLIBERT, Josett. **Formando crianças leitoras**. Trad. Bruno C. Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

KATO, Mary Aizawa. **O aprendizado da leitura**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

APÊNDICES**APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES****CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB****FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - FACE****PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.****NOME DA ENTREVISTADORA: JAQUELINE MESQUITA DE OLIVEIRA****DATA _____ / _____ 2007****ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES SOBRE O TEMA “A ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO”****DADOS DE IDENTIFICAÇÃO**

SEXO:

 FEM **MASC**

FAIXA ETÁRIA: 19 – 29

30 – 39

40 – 49

QUESTÕES

1) FALE SOBRE O COTIDIANO ESCOLAR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAIS?

2) DÊ A SUA OPINIÃO SOBRE A METODOLOGIA ADOTADA NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DA LEITURA NA ALFABETIZAÇÃO?

3) QUAIS SÃO AS DIFICULDADES E FACILIDADES NO SEU PONTO DE VISTA, PARA A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS LEITORAS?

4) EM SUA OPINIÃO, APÓS O SEU ALUNO TER ADQUIRIDO A LEITURA DE QUE FORMA SERÁ ESTIMULADO PARA CRIAR DE FATO O GOSTO PELA LEITURA?

5) COMO VOCÊ TRABALHA A PRODUÇÃO DE TEXTO COM SEUS ALUNOS?

6) QUAIS SÃO AS DIFICULDADES E FACILIDADES ENCONTRADAS AO TRABALHAR A PRODUÇÃO DE TEXTO?

7) NO SEU PONTO DE VISTA, QUAL É A RELAÇÃO DA LEITURA COM A PRODUÇÃO DE TEXTO NO PROCESSO DA ALFABETIZAÇÃO?

**APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – FACE
PEDAGOGIA – FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA AS SÉRIES INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

NOME DA ENTREVISTADORA: JAQUELINE MESQUITA DE OLIVEIRA

DATA _____/_____/2007.

**ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA ALUNOS SOBRE O TEMA “A
ALFABETIZAÇÃO NAS SÉRIES INICIAS: LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTO”**

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Sexo: _____

Idade: _____

Série em que se encontra: _____.

QUESTÕES

1) VOCÊ GOSTA DE LER?

2) O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE LER?

3) QUAL SUA HISTÓRIA PREFERIDA? POR QUE?

4) QUAIS SÃO OS TIPOS DE HISTÓRIA QUE SUA PROFESSORA LÊ COM VOCÊS
EM SALA DE AULA?

5) VOCÊ GOSTA DE ESCREVER HISTÓRIAS?

6) COMO VOCÊ GOSTA DE ESCREVER SUAS HISTÓRIAS?

7) VOCÊ ESCREVE SOBRE AS HISTÓRIAS LIDAS OU NARRADAS EM SALA?

8) VOCÊ TEM MAIS DIFICULDADES OU FACILIDADES PARA ESCREVER? POR QUE?
